

O diagnóstico do “declínio do progresso” no Século XVIII a partir da iluminação de Rousseau¹

Luciano da Silva Façanha²
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
luciano.facanha@ufma.br

Resumo: O presente artigo é decorrente da discussão em torno da decadência do progresso no século das luzes, enfocando o advento da *Encyclopédie*, como símbolo do progresso, com ênfase no Iluminismo francês. Não se constitui, portanto, num espaço analítico, mas oferece uma observação crítica sobre os progressos sofridos naquele momento, a partir da crítica realizada pelo filósofo genebrino, Jean-Jacques Rousseau.

Palavras-chave: Rousseau. Progresso. Decadência. Iluminismo. Enciclopédia.

The diagnosis of the "decline of progress" in the eighteenth century from Rousseau's enlightenment

Abstract: This article is the result of the discussion around the decadence of progress in the Age of Enlightenment, focusing on the advent of the *Encyclopédie*, as a symbol of progress, with an emphasis on the French Enlightenment. It is not, therefore, an analytical space, but offers a critical observation of the progress made at that time, based on the criticism made by the Genevan philosopher, Jean-Jacques Rousseau.

Keywords: Rousseau. Progress. Decay. Illuminism. Encyclopedia.

A Enciclopédia: “manifesto da filosofia do Iluminismo francês”

¹ Este texto surgiu a partir de uma apresentação na mesa redonda Progresso e decadência no século das luzes em 12/12/2006, durante o VI Encontro Humanístico do Centro de Ciências Humanas da UFMA, e foi publicado inicialmente na Ciências Humanas em Revista - São Luís, v. 5, número especial, junho 2007. A publicação na atualidade se deve ao fato de que a edição foi esgotada e não há mais acesso, pois não havia a publicação digital, além da procura e solicitação do artigo por diversos pesquisadores brasileiros. Portanto, a publicação atual conserva tudo que havia na primeira edição, mas contém alguns acréscimos e atualizações bibliográficas.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7318884096236926>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1178-4018>.

Como é de praxe se iniciar pelas coisas primeiras, principalmente na filosofia, se começa por esse grande empreendimento do século XVIII, que foi a *Encyclopédie*³ ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres* (Enciclopédia ou dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios), mais conhecida como *Enciclopédia*. Foi editada por Denis Diderot em Paris entre 1751 e 1772, e nela colaboraram escritores como Montesquieu, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, entre outros. Em princípio seria uma tradução francesa da *Cyclopaedia* de Chambers que se encontra na origem da famosa *Encyclopédie*.

Denis Diderot, enciclopedista, filósofo e dramaturgo, fora incumbido de rever aquela tradução, mas, em suas mãos, a tarefa se converteu num empreendimento intelectual sem precedentes. Diderot cercou-se dos mais brilhantes eruditos da época, entre eles, o matemático e filósofo Jean le Rond d’Alembert, a quem foram confiadas a revisão dos artigos de matemática e a redação do famosíssimo prefácio⁴. O grande grupo de colaboradores incluía, entre outros expoentes, Helvétius, Holbach, Quesnay e Louis Jean-Marie Daubeton. Mas, a figura primordial continuou sendo o próprio Diderot, autor dos artigos sobre as artes e os ofícios, história e filosofia antiga. Além disto, ele fez a revisão geral da obra e coordenou o trabalho dos colaboradores.

Sob o ponto de vista da forma, a *Encyclopédie* é, essencialmente, um dicionário enciclopédico, que abrange palavras de uso corrente e nomes próprios, na maioria dos casos enriquecidos com detalhadas explicações. Sua apresentação define os dois objetivos presentes no título: como

³ A Enciclopédia, tinha como proposta inicial, uma tradução do inglês para o francês da *Cyclopaedia* de Chambers. Denis Diderot, filósofo e dramaturgo, fora incumbido de rever essa tradução, mas em suas mãos, a tarefa se converteu num empreendimento intelectual sem precedentes. No Prospecto desse empreendimento, os editores ressaltam que “a disposição geral foi a única coisa em comum entre a nova Enciclopédia e a Enciclopédia inglesa” (p. 141). Projeto bastante audacioso, sentiram que o primeiro passo a dar “para a execução raciocinada e bem compreendida de uma Enciclopédia era o de traçar uma árvore genealógica de todas as ciências e de todas as artes que marcasse a origem de cada ramo de nossos conhecimentos, as ligações que têm entre si e com o tronco comum e que nos servisse para ligar os diferentes verbetes a seus caputs. Não era uma coisa fácil. Tratava-se de encerrar numa página o esboço de uma obra que só pode ser executada em vários volumes in folio e que deveria conter um dia todos os conhecimentos dos homens.” Convidaram para participar desse projeto, “um número suficiente de sábios e de artistas; de artistas hábeis e conhecidos por seus talentos; de sábios adestrados precisamente nos gêneros que deveriam confiar a seu trabalho. Distribuíram a cada um a parte que lhe convinha. (...) Assim, cada um ocupando-se apenas do que entendia, esteve em condições de julgar com sensatez o que escreveram os antigos e os modernos sobre o assunto e de acrescentar, ao auxílio que deles extraiu, conhecimentos tirados em seu próprio cabedal” (p. 143). O Discurso Preliminar dos editores é iniciado com a seguinte advertência: “A Enciclopédia que apresentamos ao Público é, como seu título o anuncia, a Obra de uma sociedade de Letrados” (p. 21) (Diderot; D’Alembert, 1989).

⁴ No Discurso Preliminar da Enciclopédia, d’Alembert assevera, que será necessário ao filósofo, conquistar a sua certeza, e abominar as noções abstratas. Citando-o: “A filosofia não está destinada a se perder nas propriedades gerais do ser e da substância, em questões inúteis sobre noções abstratas, em divisões arbitrárias e em nomenclaturas eternas; ela é a ciência dos fatos ou a das quimeras... A ciência não só abandona à ignorante sutileza dos séculos bárbaros estes objetos imaginários de especulações e de disputas (no caso, as religiões), que ainda ressoam nas escolas, quanto se abstém até de tratar questões cujo objeto possa ser mais real, porém cuja solução não é mais útil ao progresso de nossos conhecimentos” (D’Alembert, 1964, p. 131). Neste período é destacado que não há possibilidades de resolver as questões metafísicas – a filosofia inclusive, com características antimetafísicas por força da delimitação metodológica do conhecimento, submetido ao controle da experiência.

enciclopédia, deve ex por, na medida do possível, a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos; como ***Dicionário racional das artes e dos ofícios***, deve conter, sobre cada ciência e cada arte, seja liberal ou mecânica, os princípios gerais que lhes servem de base e os detalhes mais essenciais que constituem seu corpo e sua substância.

Veículo privilegiado do Iluminismo, a obra tem a marca da tendência anti clerical e antireligiosa dessa corrente filosófica, bem como do materialismo e de um radicalismo que explicam seu extraordinário sucesso e seu papel, na prepa ração da Revolução Francesa.

O otimismo do Século das Luzes: O Iluminismo

A modernidade, principalmente, o século XVIII possui uma expectativa realçada a partir de um grande otimismo: a de que todos os problemas, em quais quer setores, viessem a ser elucidados, esclarecidos, iluminados. O avanço da ciência – passou-se a acreditar firmemente –, afastaria todas as sombras e instauraria a claridade, a lúcida compreensão. Em lugar das superstições, do mistério, das credices, da cega submissão à autoridade, seria instalado o primado da razão, o reino das luzes. E, se no plano do conhecimento isso significaria o fim da ignorância, no plano social e político representaria a base para a defesa da liberdade e da igualdade entre os homens. Este otimismo que alimenta a raiz do pensamento do século XVIII se tornou conhecido como a época do Iluminismo, da Ilustração, ou como o Século das Luzes. Particularmente na França, na Inglaterra e na Alemanha, esse período histórico caracterizou-se por um estado de espírito que se manifesta não apenas na reflexão filosófica como também nos diversos aspectos da atividade humana. O **otimismo** é o traço fundamental dessa generalizada atmosfera cultural: otimismo que transparece tanto na convicção de que a razão, em seu progresso, esclarecerá todas as questões, quanto na esperança de que seja possível reorganizar as bases da sociedade através de princípios estritamente racionais.

Os filósofos franceses do século XVIII concebiam a razão como uma força que parte da experiência sensível e desenvolve-se juntamente com ela. Renunciam a pretensão sistemática e procuram outro conceito de verdade e de filosofia, entendidas como, construções livres e móveis, ao mesmo tempo concretas e vivas. A razão não é mais concebida como repositório de verdades eternas, mas antes como fonte de energia intelectual. Mais que um ‘fundamento’, a razão da Ilustração constitui um ‘caminho’ que, em princípio, poderia e deveria ser percorrido por todos os homens. Enfatiza-se que as grandes discussões do século XVIII tornam-se possíveis mediante uma concepção da Razão. Assim, pensar a política, a sociedade, o direito, a filosofia, dá-se pelo viés da racionalidade e isto, de uma forma muito precisa, vai pontuar o discurso desse tempo que é a modernidade. O século XVIII foi um período, na história do espírito europeu muito agitado de idéias e rico em tendências contrárias, considerando, inclusive, revolucionário – claro que muito mais por aqueles que

se apoiariam essas idéias no futuro – ou até mesmo contra a revolução, diante seu caráter otimista demais. E apesar do Iluminismo abranger vários aspectos, segundo Henrique Lima Vaz (1991, p. 91) é a concepção da **história** humana que vai centralizá-lo e unificá-lo. Se um dos aspectos principais da Ilustração é a história humana, essa história é traçada pela Razão, pelos **progressos da razão**. E a característica marcante dessa idéia, é difundida ao longo do século XVIII.

Assim, na visão da Ilustração: o progresso implicaria numa mudança operada pelo homem, segundo fins racionais e medida pelo critério do melhor. Ob serve-se que a própria construção do conceito de Ilustração surgido a partir de uma metáfora da luminosidade, “encontra na ideia de progresso, assim definida, o espaço da sua irradiação”. Portanto, as luzes da Razão e o Progresso, definem o espaço em que se desenvolvem as características fundamentais do espírito do Iluminismo. E como se poderá perceber, embora, Jean-Jacques Rousseau faça parte deste movimento, esse autor se afasta dessas concepções, de uma idéia de progresso tão progressiva, tão racional e tão iluminada.

Rousseau: um crítico severo de seu século

Salinas Fortes considerava Rousseau “um verdadeiro desmancha-prazeres da festa dos iluministas” (1993, p. 72), pois, o mesmo denunciava em todas as suas obras as falhas e os desvios que descaracterizavam o iluminismo, porém, mesmo contrastando com os filósofos de sua época, não se pode negar que se considerava um apaixonado pelo movimento. Dessa forma, já se percebe de imediato uma grande contradição: Rousseau era “iluminista, iluminado ou iluminador?” (1993, p. 72). Segundo Salinas, dificilmente vai se conseguir dizer isso com exatidão, em se tratando da figura camaleônica de Jean-Jacques Rousseau, que escapa de uma classificação de forma concreta. Desde sua vasta obra, com mil meandros, até os seus posicionamentos íntimos e públicos. Mas, o que se pode dizer corretamente é que Rousseau é um filósofo cristão. Conforme Salinas, ‘um cristão sincero’; um homem que acreditava sinceramente nos ensinamentos do Evangelho. E isso já seria um dos grandes problemas a enfrentar, principalmente, nesse contexto, conforme Paul Hazard, ‘na crença desse período’, pois, “toda aberração veio daquilo em que se acreditou cegamente, em vez de se proceder em cada circunstância através de um exame racional” (1963, p. 38). Ao que tudo demonstra, o genebrino não ‘conseguia acompanhar seus confrades da Enciclopédia, pelo materialismo, pelo ateísmo’, por suas convicções defendidas, daí, a dificuldade em conciliar o iluminismo com o fato de ser cristão sincero, e, nessa mesma dificuldade, seus contemporâneos de o acompanharem. Consequentemente, o rompimento era inevitável, embora, conservasse “longínquos laços e acreditando na sua Razão histórica” (1993, p. 73).

Portanto, Rousseau não era contra o Iluminismo em sua verdadeira essência, mas sim, contra seus contemporâneos, por terem, lamentavelmente, desviado o espírito do movimento do seu real

sentido (Façanha, 2010). Observa-se que o autor não se colocava contra a razão ou contra a cultura, em si mesma. Sua crítica é direcionada ao desligamento que há, tanto na razão como em alguns produtos culturais, no que diz respeito à interiorização do homem, pois essa interiorização seria o caminho – o guia mais viável –, segundo Rousseau, para que houvesse uma mudança radical do quadro social e cultural, com tantas injustiças sociais e políticas. Roberto Derathé (1948, p. 167-180) destaca, no entanto, que tudo parece como oposição a essa noção de uma razão triunfante, da forma como ela é pensada para o século XVIII. Ratifica também que o pensador não era contra a razão; apenas não concebe um racionalismo desprovido dos sentimentos. Rousseau permaneceu decididamente racionalista (1948, p. 167-180) e unicamente condena o mau uso da razão, pois, o bom uso e o desenvolvimento da razão humana não tolerariam dissociar-se do ditame da consciência, que não se manifesta pela mera enunciação de regras morais ou preceitos, mas também, constitui uma contemplação. Nesse sentido, é evidente que Jean-Jacques estava muito mais próximo de Kant, pois, ao dizer que a contemplação proporciona que o homem participe de ‘um outro mundo’, o genebrino, já está se referindo à ‘imaginação’ como a forma pelo qual o homem contempla esse novo universo. Assim, o ditame da consciência é que deve servir para dominar essa imaginação. Sob o domínio do ditame seria possível estabelecer princípios cujas consequências racionais permitirão situar-nos no mundo, afinal, para Rousseau, ‘o homem tem sua situação assinalada na melhor ordem das coisas, trata-se apenas de encontrar esse lugar e de não deturpar essa ordem’. Exatamente por essa via, Derathé considera que “Rousseau jamais acreditou que alguém não pudesse fazer uso de sua própria razão.” Bem ao contrário, “ele queria nos ensinar a usá-la bem”; pois, “Rousseau é um racionalista consciente dos limites da razão” (1948, p. 169-176).

Assim, diante de conflitos suscitados, como o de ser um iluminista e ter passado uma boa parte de sua vida tecendo críticas à confraria dos iluministas, Rousseau muitas vezes foi considerado “homem estranho”, cujas atitudes emocionais evoluíram para uma mania de perseguição⁵. Entretanto, foi realmente durante certa fase, perseguido e condenado, não só o autor, como também os livros, proscritos; sendo ‘considerado um homem perigoso e subversivo’, objeto de hostilidades tanto das autoridades como dos seus ex amigos enciclopedistas. Mas o que levaria a essa adjetivação?

⁵ Ressalta-se que muitos estudiosos em Rousseau insistem na ideia de uma “pseudo perseguição” que ele sofrera, mas tem-se de ter certo cuidado no exagero, pois, de fato, algumas obras foram condenadas, também é verdade a decretação de sua prisão (em 9 de julho de 1762). Mas, nessa fase de condenações de perseguições, observam-se alguns cenários que aos poucos vão tomando forma e contam dessas situações e também do íntimo de Jean-Jacques. O autor narra nas Confissões que a obra *O Emílio* foi rasgada e queimada na escada do Palácio da Justiça de Paris, além de ser dito, naquela circunstância, que não era suficiente queimar o livro, mas também era preciso queimar o autor. Em Genebra acontecia a mesma coisa, depois Berna e também Neuchâtel. “Pareceu a Rousseau que o universo inteiro se ligara contra ele...” Passou, nesse período, a percorrer vários lugares, não tinha paradeiro, fosse pela realidade ou por sua imaginação, teve que passar uma boa parte de sua vida fugindo. Terminava suas cartas sempre pela mesma frase: ‘Eu sou inocente’ (Façanha, 2006, p. 112-113).

Talvez, esse duplo efeito de suas ações, o fato de participar de um movimento como o Iluminismo – que mesmo sendo uma corrente milenar da história da filosofia, pois, vem desde a antiguidade a ilustração⁶, é esse momento preciso europeu do século XVIII em que há um otimismo exacerbado dos poderes da razão e do progresso –, mas também, o fato de ser contrário a alguns posicionamentos dos seus contemporâneos, e isso pode ser constatado no caráter insurgente de seus escritos, que acabaram, em muitos momentos, considerados como resultando da “ambiguidade” de seu pensamento – moralista, teórico social e político, pedagogo, romancista, memorialista etc. Rousseau foi antes de tudo um precursor do Estado democrático moderno; mas foi também, um crítico veemente da sociedade tal qual é organizada. Tecendo uma crítica da razão clássica, ele acaba criticando o seu tempo à luz de princípios universais, como a igualdade natural e a liberdade do homem, que são princípios muito positivos e afirmativos.

Dessa forma, Rousseau representou uma tendência filosófica independente, na época do Iluminismo. Enquanto os filósofos iluministas acreditavam ser possível, a solução de todos os problemas humanos, mediante o uso da razão, Jean-Jacques opôs-se ao racionalismo e exaltou a natureza. Ressalta-se, que o filósofo, entra no cenário do Mundo da República das Letras a partir da premiação do Discurso sobre as ciências e as artes pela Academia de Dijon em 1750⁷. É bem verdade, que Rousseau havia produzido uma devastadora crítica do progresso técnico e científico, o qual acusou de promover o luxo e a desigualdade e minar os valores morais e cívicos das sociedades. Uma tese tão radical e provocativa, não poderia deixar de provocar tantas reações. Inclusive, este é o fio condutor traçado em toda sua obra. Mas, qual a consonância que há entre a filosofia de Rousseau e a doutrina de seu tempo? Onde situar a ideia de progresso na sua obra? Como se pode perceber, Jean-Jacques se afasta dessas concepções, de uma ideia de progresso tão progressiva, tão racional e tão iluminada. Para Rousseau, a história dos homens é a história da queda, e, o percurso não é o da

⁶ Paulo Rouanet destaca que uma das bandeiras mais alta do movimento iluminista foi a da razão, nesse sentido, observa alguns filósofos, como Nietzsche, que inscreveu tanto Petrarca como Erasmo na linhagem dos iluministas; também, Adorno e Horkheimer que veem a Aufklärung, como uma corrente que começou desde o início da história do homem, com Ulisses, quando a astúcia humana pela primeira vez se voltou contra o mito, e continua com o positivismo, que consagra o retorno do mito; além do historiador, Peter Gay que considera o enciclopedismo do século XVIII apenas como uma segunda fase de um processo iniciado na Antiguidade clássica. Dessa forma, o autor propõe o uso de Iluminismo para designar uma tendência intelectual, de ideias que combatem o mito e o poder, utilizando argumentos racionais. Embora a definição possa parecer grosseira, mas, o autor explica que “o movimento intelectual que floresceu no século XVIII, com uma enorme crença no progresso e otimismo racional, pode ser denominado a Ilustração, [sendo] uma importantíssima realização histórica do Iluminismo – talvez a mais importante, mas não a primeira, e certamente não a última. Antes da Ilustração, houve autores iluministas, como Luciano, Lucrécio e Erasmo; depois dela, autores igualmente iluministas, como Marx, Freud e Adorno.” (Rouanet, 1987, p. 300-303; 26-28).

⁷ É necessário lembrar que a Academia de Dijon era provinciana e de recente criação, com um júri composto por dois padres, dois funcionários públicos municipais e três advogados. E uma academia deste porte, não poderia, por si só, trazer tamanha notoriedade a seu autor se não fosse um aspecto paradoxal habilmente explorado pelos periódicos da capital: Rousseau era amigo de Diderot e colaborador da Enciclopédia, havia escrito um ensaio que contradizia em todos os pontos o ideário que sustentava aquele monumental empreendimento, cujo prospecto preliminar havia sido publicado por Diderot no mesmo ano em que veio à luz o Primeiro Discurso de Rousseau.

salvação, mas o da perdição; o ‘progresso das coisas’ traz o declínio do humano e das instituições, na medida em que a perfectibilidade do homem é um processo de desnaturação e que as circunstâncias trazidas pelo progresso culminam com o despotismo, figura final que fecha o círculo da evolução do progresso da desigualdade. Aparentemente, essas características de um progresso negativo no pensamento de Rousseau, sinalizam uma característica um tanto pessimista do filósofo. Mas, qual o sentido exato que Rousseau confere a história do progresso? O autor estaria negando o progresso de um tempo, contra a civilização? Nas obras políticas de Rousseau, aparecem suas críticas à sociedade, pois, o filósofo, antes de tudo, foi um crítico severo de seu tempo, das ideias de sua época. Então, de que forma o pensador elaborava a sua crítica se ele também era um enciclopedista?⁸

Isto sinaliza que a ideia de progresso, para Rousseau, tinha uma feição crítica. As observações feitas quanto à ideia de progresso são retiradas de suas obras. Desde o momento em que o filósofo responde NÃO à questão⁹ proposta pela academia, desconcerta não só seus contemporâneos, como também, o espírito otimista do seu século. Para Rousseau, o progresso das ciências e das artes nada acrescentou à nossa verdadeira felicidade e somente contribuiu para corromper os costumes. A partir deste momento, o filósofo pontua que a história do homem é muito mais da decadência do que de progresso. E, é esta “perspectiva da queda”, que mais nos interessa ao falar do progresso, pela própria contramão com o seu tempo e a intranquilidade que esse contraste – que ele – nos ocasiona.

Principalmente, no Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens e no Contrato social, Rousseau traça um fio condutor de forma muito “pontual”, sobre o declínio dos povos. Primeiramente trata da passagem da cidade primitiva para as sociedades civilizadas através da degeneração. No Contrato Social retoma a questão do declínio dos povos ao se referir aos povos apropriados ou não para as boas leis e aos incorrigíveis,

⁸ O próprio Rousseau narra nas Confissões sua ligação com a Enciclopédia, “que escrevi artigos para ela, que meu nome se encontra entre os dos autores”, contudo, destaca que não concorda com algumas questões, afirma o filósofo, “preciso repudiar o que não aprovo, para que não me atribuam sentimentos que me são estranhos” (Rousseau, 1948, p. 29-30). “A Encyclopédie define o ‘progresso’ como movimento para a frente. A ideia é uma das mais familiares do século, apesar de sua imprecisão. (...) Outro elemento constitutivo da ideia de progresso no século XVIII é a valorização da própria época em detrimento das épocas do passado. A condenação do passado implica, pois, este juízo de valor. Por último, a ideia de progresso encerra também a crença de que o mundo natural e o domínio do social podem ser objetos de uma ação racional visando a sua transformação. O progresso equivale assim à realização de ideias morais e sociais. Desse modo está estabelecido o laço que une o desenvolvimento da razão, o aperfeiçoamento dos homens e a construção de uma sociedade mais feliz. A Encyclopédie, empreendimento típico, segundo Diderot, de um ‘século filosófico’, portanto superior aos séculos precedentes, ao reunir, num vasto quadro, o conhecimento que os homens acumularam durante séculos” (Souza, 2001. p. 28).

⁹ Sobre o momento em que Jean-Jacques leu essa questão, abriu-se um outro universo. Foi como uma espécie de ILUMINAÇÃO ou REVELAÇÃO. “De repente, sinto o espírito deslumbrado com mil ideias; multidões de ideias vivas surgem, ao mesmo tempo, com uma força e uma confusão que me lançaram numa inexprimível perturbação; sinto minha cabeça tomada por atordoamento semelhante à embriaguez. Uma palpação violenta me oprime, enche-me o peito. Não podendo mais respirar enquanto andava, deixo-me cair sob uma árvore do caminho e fico aí uma meia-hora em tal agitação que, ao levantar-me, vejo a frente de minha roupa toda molhada de lágrimas, sem ter sentido que chorava”. Preso por uma emoção tão viva, Rousseau lançou algumas notas em seu caderninho. Era a Prosopopeia de Fabrício. “Eis como, [conclui Rousseau] quando menos o esperava, tornei-me autor” (Façanha, 2006. p. 144).

aos quais dificilmente se pode evitar a destruição. Ora, o interessante, no pensador, é que ele não retrata isto de uma maneira já estabelecida, mas, mostra como era e como se regrediu – decaiu – por meio do progresso. O autor elabora todo um percurso histórico ou anti histórico, para ilustrar como se chegou, ou seja, como o “progresso” declinou. Se é que se pode chamar isto realmente de uma queda; ou será mesmo esse, o fim do progresso? No Primeiro Discurso, sobre o restabelecimento das ciências e das artes aponta as perdas do homem:

As ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados (Rousseau, 1978b, p. 334-335).

Eis-nos diante do mal. Só que esse mal não é fruto exclusivamente das ciências e das artes, mas, acima de tudo, da desintegração social, proporcionado pelo **progresso**. Portanto, as ciências e as artes contribuíram para tal desintegração, fugindo a um de seus melhores propósitos: o de servir a fins melhores. Porém, não se trata de excluí-las, mas, sobretudo, em recuperar a totalidade social tomando como base o ideal de **virtude** por ser o único e necessário entre os homens. Se não se trata de excluir as artes e as ciências então estamos diante de um mal menor. Ressalta-se que o ideal de virtude para Rousseau é o mesmo do filósofo Montesquieu, “o amor da pátria e da igualdade”, e esses acontecimentos, segundo o cidadão de Genebra, são figuras estranhas ao amor da pátria e da igualdade. É nesse quadro de degradação dos costumes, de ausência de liberdade, que se pode observar **os progressos sofridos** pelo homem, dentro dessa perspectiva de uma história do declínio.

Para Rousseau, a **história** possui uma função exemplar que é a de conhecer a natureza humana – sua natureza –, daí resultaria lições para a vida. Talvez, esse teria sido o motivo da ligação que Jean-Jacques faz da História Moderna com a Antiguidade Clássica:

Os exemplos de virtude moral e cívica que povoam seus mais diversos textos são sempre tirados da Antiguidade. Suas referências à virtude cívica espartana e aos valores cívicos dos romanos. (...) A crítica de fontes que toma novo impulso possibilita ao historiador atender a uma exigência fundamental na opinião de Rousseau, que é a da fidelidade ou do realismo do relato. Enfim, o caráter nacionalista e patriótico da história moderna e a percepção da história como processo de declínio são, como sabemos, temas caros ao pensamento de Rousseau. Os discursos de Rousseau mostram de forma muito clara que o trajeto percorrido pelo homem é o da degeneração. A história dos homens é a história da queda (Souza, 2001, p. 71).

O filósofo exemplifica isso muito bem, falando das transformações das instituições, das nações que decaíram na mesma proporção que as ciências e as artes, ou seja, tudo que já se pode perceber e constatar nos seus discursos políticos – os momentos do paraíso e do pecado e a carência de uma redenção –, sintetizados aqui. Os temas da história do homem como caminho de degeneração e, enfraquecimento; as transformações pelas quais os governos legítimos passaram para governos

arbitrários, ou seja, o surgimento do despotismo, e, também, a perfectibilidade que acaba sendo um processo de desnaturação,

parece que a concepção da história em Rousseau é marcada pela idéia de uma trajetória linear de decadência e corrupção progressivas, tanto do ponto de vista das transformações pelas quais passa a alma humana, quanto do ponto de vista de suas instituições (Souza, 2001, p. 75).

A essa perdição que se chega nos discursos e no pensamento do filósofo, talvez não se possa mesmo chamar de progresso, se o entendemos no sentido de avanço, de melhoras. Mas, há realmente um progresso, segundo o próprio Rousseau. Porém, com esse “progresso das coisas”, há, também, a queda do homem e das instituições.

Rousseau estaria na contracorrente de sua época, pois, mesmo ele sendo herdeiro de uma longa tradição, quando ele elabora o percurso do declínio, o faz integrando a noção de progresso e também uma avaliação do conteúdo deste conceito. Dessa forma, o que realmente se pode perceber é que ao criticar o progresso, ao traçar o caminho de um antiprogresso (Façanha, 2005, p. 3-5), a grande perspectiva de Rousseau é diagnosticar o seu século, assinalando a crise moral e social pela qual a sua época passava.

Se o homem continua a sofrer os males, é porque o próprio homem os engendrou, contra as suas próprias disposições naturais. A desigualdade, a tirania, o mundo das aparências são a prova de que o homem está comprometido com uma história que ele mesmo forjou (Souza, 2001, p. 79).

Mesmo a ideia de progresso, para Rousseau, desembocando numa ideia de declínio, parece que há também, uma possibilidade afirmativa para o autor no que se refere ao progresso. Tanto no plano individual, como no social, Rousseau nos convida a pensar nessas possibilidades, por intermédio do Emílio e, também, pelo Contrato Social. No Emílio, Jean-Jacques, depois de esboçar todo o processo educacional que o Emílio passaria, dá a entender que seu aluno mereceria viver num outro século, ou seja, sua proposta educacional é incompatível com a situação vigente de degradação dos costumes, de ausência de liberdade e de crescimento da desigualdade. Mas há uma ‘fresta na janela’. Quem sabe, num século futuro. Também no Contrato Social, momento em que tudo já parecia irremediavelmente perdido há, talvez, uma última chance, pois o autor aponta uma possibilidade.

Como certas doenças transtornam a cabeça dos homens e apagam a lembrança do passado, não ocorra algumas vezes, ao longo da história dos Estados, períodos violentos onde as revoluções causam nos povos aquilo que certas crises causam nos indivíduos, fazendo com que o horror do passado substitua esquecimento, e onde o estado, envolto pelas guerras civis, como que renasce das suas cinzas e retoma o vigor da juventude, escapando dos braços da morte (Rousseau, 1978a).

Portanto, a crise que se tenha ‘alcançado’, através do progresso, poderia ser a condição de possibilidade para o retorno a uma origem do que era bom; não retornando ao estado de natureza, até porque, a esse estado, nem Rousseau considerava possível. Segundo Milton Meira do Nascimento

(1990, p. 9-10), a reversão desse quadro a que se chegou não se inscreve no curso normal dos acontecimentos. Talvez, por isso mesmo, os revolucionários de 1789, na França, ao elegerem Rousseau como patrono da Revolução Francesa, acreditavam estar vivendo esse momento de delírio, ou de sonho, de recuperação mesmo da vida diante da morte iminente (1990, p. 9-10). A crise que o homem chegou, ‘alavancada’ pelo ‘desempenho’ do ‘progresso’, pode possibilitar, também, uma crise interna no homem, e isso de alguma forma provoca em Rousseau uma Revolução. Talvez, a crise da civilização pode ser observada e constatada por uma tarefa de ‘desconstrução’ da ideia de homem e, também, da sua (nossa) história e, Jean-Jacques Rousseau, realmente é o obreiro, provavelmente, mais genial dessa desconstrução, cuja obra pode ser considerada a fonte principal.

Considerações finais

Se por um lado, os filósofos colaboradores da Enciclopédia, acentuavam o cosmopolitismo, a liberdade de pensamento e a própria defesa do progresso, por outro lado, Rousseau, também enciclopedista, porém, figura independente deste cenário, ratifica a liberdade política, a igualdade, o amor à pátria, a soberania popular, contudo, o declínio do progresso. Estas águas, aparentemente e diversamente coloridas, vão se juntar no calor das lutas que se seguiram a 1789 e que é uma espécie da síntese daquilo que as luzes francesas produziram de mais valioso. O leito do rio que reúne estas águas é a “força da voz e das coisas”, ou seja, a Revolução Francesa é ao mesmo tempo, a realização e a prova de fogo da filosofia do século das Luzes.

Referências

D’Alembert, Jean Le Rond. *Discours préliminaire de l’Encyclopédie. Oeuvre complètes*. Vol I. Paris, 1964.

DERATHÉ, R. **Le Rationalisme de Rousseau**. Paris: PUF, 1948.

DIDEROT, D. & D’ALEMBERT, J. *Enciclopédia ou Dicionário Raciocinado das Ciências, das Artes e dos ofícios, por uma sociedade de letrados. Discurso preliminar e outros textos* (bilíngüe). Tradução: Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 1989.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **A questão do Progresso / Antiprogresso na filosofia política de Jean-Jacques Rousseau**. Revista Paradigmas. Ano V (maio-jun), n. 26, 2005, p. 3-5.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Para ler Rousseau: uma interpretação de sua narrativa confessional por um leitor da posteridade**. São Paulo: Edições Inteligentes, UFMA, e FAPEMA, 2006.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Poética e Estética em Rousseau**: corrupção do gosto, degeneração e mimesis das paixões. 2010. 530 fls. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FORTES, Luíz Roberto Salinas. **O Iluminismo e os Reis Filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 72.

HAZARD, Paul. **La Pensée Européenne au XVIII^e Siècle – De Montesquieu à Lessing**. Paris: Fayard, 1963. p. 38.

NASCIMENTO, Milton Meira do. **Prefácio**. In: Rousseau: a educação na infância. CERIZARA, Beatriz. São Paulo: Scipione, 1990.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As Confissões**. Volume único. Tradução: Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978b.

SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês**. São Paulo: Discurso Editorial. 2001.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991.